

ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE RISCO NO CÓRREGO DO
CAPIM - CAPINÓPOLIS/MG

**ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE RISCO NO CÓRREGO DO
CAPIM - CAPINÓPOLIS/MG**

Rodrigues de Oliveira Costa, H.¹;

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA *Email:hu-rbio@hotmail.com*;

RESUMO:

O presente trabalho buscou compreender o processo de ocupação das vertentes no município de Capinópolis/MG, gerados pelo mesmo. Para isso fez-se necessário as seguintes procedimentos metodológicos: a) levantamento bibliográfico sobre a temática; b) trabalho de campo; c) mapeamento da área; d) levantamento e caracterização dos pontos considerados de risco. Como resultados, levantamos oito pontos considerados como risco para a população que habita a área, seja econômico, à saúde ou ambiental.

PALAVRAS

riscos;

ambiental;

CHAVES:

campo

ABSTRACT:

This study sought to understand the process of occupation of the strands in the municipality of Capinópolis/MG, generated by the same. For this it was necessary the following instruments: a) literature survey on the subject; b) field work; c) mapping of the area; d) collection and characterization of points considered at risk. As a result, we have raised eight points considered risk to the population that inhabits the area, whether economic, health or environmental.

KEYWORDS:

risks;

environmental

;

field

INTRODUÇÃO:

O surgimento das aglomerações urbanas passou a exigir do homem uma série de medidas a serem tomadas, como a busca por suprimentos, manutenção de recursos básicos e organização deste espaço. A necessidade que o homem se depara, é de dominar o espaço para que ele tenha capacidade de habita-lo, desta forma o que passamos a observar é que na medida em que o homem ocupa, ele passa a destruir determinadas características naturais. O problema se encontra na ocupação inadequada, assim como nas consequências que a mesma repercutirá nas atividades antrópicas e dinâmica ambiental daquele determinado local. Passam a surgir o que consideramos como áreas de risco, sejam elas riscos ao meio ambiente ou o risco a sociedade e suas atividades socioeconômicas. O presente trabalho visa apontar questionamentos referentes à relação do homem com a natureza, e como as reações da mesma passam a ser caracterizadas como riscos

ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE RISCO NO CÓRREGO DO CAPIM - CAPINÓPOLIS/MG

ambientais, sejam em relação a alagamentos, inundações ou enchentes. No momento em que adotamos o relevo como base para as atividades antrópicas e suas interações, “necessário se faz partir do princípio de que o relevo se constitui em produto do antagonismo das forças endógenas (forças tectogenéticas) e exógenas (mecanismos morfodinâmicos), registrado ao longo do tempo geológico, e responsável pelo equilíbrio ecológico” (CASSETI, 1991, p.7). A partir do momento em que temos a influencia do homem sobre a natureza partimos da ideia de que de uma forma ou de outra o homem receberá algo como resposta. Tais consequências passam a ser tratadas aqui como riscos, sejam eles: sociais, ambientais ou econômicos. Para se compreender a questão do risco, faz-se necessário entender diversos conceitos que estão relacionados a este estudo, sendo o risco compreendido como aquele que “indica a probabilidade de ocorrência de algum dano a uma população (pessoas ou bens materiais)” (NOGUEIRA, 2006, p. 29).

MATERIAL **E** **MÉTODOS:**

Para a realização desta pesquisa, estabeleceram-se os seguintes procedimentos metodológicos: 1- Levantamento de artigos, dissertações, teses e livros que abordam a temáticos sobre a questão das enchentes, alagamentos, vertentes, fundos de vale e ocupação na geração de áreas de risco, que serão realizados em bibliotecas da Universidade Federal de Uberlândia, Prefeitura Municipal, sites da EMBRAPA, do IBGE entre outros; 2- Foram aplicadas técnicas de mapeamento de cartas temáticas, para isso foram utilizados programas como o Global Positioning System (GPS) e imagens de satélite (SPOT, 2003), no qual foi identificado as coordenadas geográficas, que foram inseridas na imagem de satélite, obtendo dessa maneira um produto final com a identificação dos pontos de alagamento e enchentes da cidade de Capinópolis. Para isso foram utilizados alguns programas, por exemplo, Corel Draw®2 e SPRING3; 3- Trabalhos de campo para obter informações sobre o processo de ocupação de vertentes e fundos de vale, no qual serão aplicadas entrevistas com moradores dessas áreas. 4- Levantamento e cadastramento das possíveis áreas de risco, por meio de observações de campo, análise de imagens de satélite (SPOT, 2012) e programas específicos;

RESULTADOS **E** **DISCUSSÃO:**

A Geografia tem como objeto de estudo as interações do homem com a natureza, assim como compreender a forma como este passa a influenciar a dinâmica natural, transformando a natureza para o seu benefício sem levar em consideração tal dinâmica. De acordo com Casseti (1991, p. 11), “o aparecimento do homem, em algum momento do pleistoceno, a evolução das forças produtivas vai respondendo pelo avanço na forma de apropriação e transformação da ‘primeira natureza’, criando a ‘segunda natureza’”. Desta forma temos o homem como principal atuante na transformação do espaço que ele ocupa. Considerando que o homem passa a ocupar e se estabelecer principalmente em áreas próximas à cursos d’água, temos as vertentes como áreas mais susceptíveis à ocupação antrópica. Segundo Casseti (1991, p. 35), “é portanto na vertente que se materializam as relações das forças produtivas, ou seja, onde ficam impregnadas as transformações que compõem a paisagem”. Segundo Fonseca (2013, p. 12), a questão da ocupação de vertentes e fundos de vale, deve ser levada ainda em consideração pelo viés

ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE RISCO NO CÓRREGO DO CAPIM - CAPINÓPOLIS/MG

socioeconômico, sendo que “Em relação aos fundos de vale, são muitas vezes ocupados pelos grupos menos favorecidos da sociedade, pelo fato de não deterem recursos que lhes proporcionem acesso a ambientes mais seguros, que são mais valorizados”. Formamos a ideia inicial de desastres naturais, que de acordo com Pedro e Nunes (2012, p. 82) “ocorrem naturalmente, mas são agravados e intensificados pelo homem, que tanto induz como também acelera os processos naturais”. Quanto ao risco podem-se levar em consideração diversas interpretações, como a de Nogueira (2006, p. 29), na qual “o termo risco indica a probabilidade de ocorrência de algum dano a uma população (pessoas ou bens materiais)”. Pensando-se neste quadro de degradação ambiental e áreas de risco, optou-se em estudar a cidade de Capinópolis – MG, pois esta apresenta características que permitem identificar pontos como áreas de riscos ambientais. A cidade de Capinópolis encontra-se localizada na Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Microrregião Geográfica de Ituiutaba, cujas coordenadas geográficas são 18° 40’ 55’’ S e 49°34’ 12’’W. O processo de expansão da cidade de Capinópolis ocorreu basicamente no entorno Córrego do Capim. Temos isto relacionado ao córrego ter sido a primeira fonte de água para as atividades desenvolvidas na época, o que fez com que o povoado fosse atraído para as margens deste. O primeiro ponto identificado como área de risco, no caso ambiental, é a instalação de processos erosivos do tipo ravina, nas margens do córrego. Neste ponto conseguimos observar a presença de tubulações, resíduos dentro desta ravina além do descarte de resíduos nas áreas mais próximas do córrego. A tubulação encontrada no local é responsável por direcionar os fluxos de água das ruas captadas pelos bueiros da rua e joga-lo no córrego. Já os resíduos identificados dentro da mesma se configuram como uma medida para “tapar o buraco”, o problema é que nos períodos de chuva mais intensa todo este material passa a ser direcionado ao córrego. Outro ponto observado apresenta o descarte inadequado de resíduos de construção civil e ainda resíduos advindos a própria população que os descarta de forma inadequada no próprio canal fluvial. Neste sentido, identificamos o descarte de madeiras, restos de construção civil (tijolos, telhas, reboco, bidê) e caixas de papelão, todos descartados às margens do curso d’água. Por conta da putrefação destes materiais, o local exala um mau cheiro que passa a incomodar a população local, que se incomoda com a situação, mas não para de descartar lixo no mesmo.

CONSIDERAÇÕES

FINAIS:

Tendo como início de sua urbanização as áreas de fundo de vale, Capinópolis/MG possui sua área central ou “bairro Primitivo”, como é chamado pelos moradores mais antigos, no fundo de vale onde encontramos o Córrego do Capim. Primeiramente é necessário sensibilizar a população que mora no entorno a parar de descartar seus resíduos tanto domésticos quanto de construção civil no córrego. A partir daí pensar em medidas para retirar o lixo que se encontra no córrego, desobstruindo o fluxo de água, permitindo que no período de chuvas a água não fique impedida de fluir. As formas de relevo, a atuação da população local e as chuvas no verão, são capazes de alterar a dinâmica local, caracterizando este como uma área de risco, seja ela por causar danos a saúde da população, impossibilitando as atividades antrópicas ou o que é encontrado, um córrego

ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE RISCO NO CÓRREGO DO CAPIM - CAPINÓPOLIS/MG

poluído pelos materiais descartados ali e ocupação inadequada das vertentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA:

- AFINI JUNIOR, B. Fundos de Vale. Disponível em: <http://www.revistadae.com.br/artigos/artigo_edicao_90_n_528.pdf>. Acesso em: 23 de março de 2014.
- AMARAL, R. do; RIBEIRO, R. R.. Inundações e enchentes. In: TOMINAGA, L. K.; SANTORO, J.; AMARAL, R. (Org.). Desastres naturais: conhecer para prevenir. São Paulo: Instituto Geológico, 2009. 196 p.
- BRANDÃO, A. M. P. M. Clima Urbano e enchentes. In: GUERRA, A. T.; CUNHA, S.B. (org.). Impactos ambientais urbanos no Brasil. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 176 p.
- BRASIL. Ministério das Cidades. Mapeamento de Riscos em Encostas e Margem de Rios. Brasília: Ministério das Cidades; Instituto de Pesquisas Tecnológicas – IPT, 2007. 176 p.
- BRASIL. Ministério das Cidades. Prevenção de Riscos de Deslizamentos em Encostas: Guia para Elaboração de Políticas Municipais. Brasília, DF, 2006. 111 p.
- CANIL, K. Áreas de Risco aos Processos de Escorregamentos no Município de Santos, SP: Análise e Indicadores de Vulnerabilidade. Disponível em: <www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=4534>. Acesso em: 10 de junho de 2013.
- CARVALHO, C.S.; GALVÃO, T. Ação de Apoio à Prevenção e Erradicação de Riscos em assentamentos Precários. CARVALHO, C.S.; GALVÃO, T.(org). Prevenção de Riscos de Deslizamentos em Encostas: Guia para Elaboração de Políticas Municipais. Brasília: Ministério das cidades, Cities Alliance, 2006.
- CASSETI, Valter. Ambiente e Apropriação do Relevô. São Paulo: Editora Contexto, 1991. 84p.
- CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução nº 001/86. Estabelece os critérios básicos e as diretrizes gerais para uso e implementação da Avaliação de Impacto Ambiental. Brasília, IBAMA, 1986.
- DURLO, M. A.; SUTILI, F. J. Bioengenharia: Manejo Biotécnico de Cursos de Água. Santa Maria: Edição do Autor, 2012. 189 p.
- FONSECA, R. G. Uma Proposta de Avaliação do Risco de Enchentes nas Cidades da Microrregião de Ituiutaba. Ituiutaba: UFU, 2013.
- MOREIRA, I. V. D. Avaliação de Impacto Ambiental – AIA. Rio de Janeiro, abril 1985. Disponível em: <<http://dgx64hep82pj8.cloudfront.net/PAT/Upload/1492611/AIA%20CONCEITOS.pdf>>. Acesso em: 23 de março de 2014.

ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE RISCO NO CÓRREGO DO
CAPIM - CAPINÓPOLIS/MG

- NOGUEIRA, F. R. Gestão dos Riscos nos Municípios. In: BRASIL. Ministério das Cidades. Prevenção de Riscos de Deslizamentos em Encostas: Guia para Elaboração de Políticas Municipais. Brasília: Ministério das Cidades; Cities Alliance, 2006. p. 26-46.
- NUNES, J. O. R. (Org.) (et al.). Trilhando pelos solos. Presidente Prudente: Copy Set, 2010. 33 p.
- PEDRO, L. C.; Nunes, J. O. R. A Relação Entre Processos Morfodinâmicos e os Desastres Naturais: Uma Leitura Das Áreas Vulneráveis A Inundações e Alagamentos em Presidente Prudente – SP. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.34, v.2, p.81-96, ago./dez.2012.
- SISTEMA brasileiro de classificação de solos. 3 ed. Brasília, DF: EMBRAPA, Centro Nacional de Pesquisa de Solos, 2013. 353 p.
- TOMINAGA, L. K. Desastres Naturais: Por que ocorrem? In: TOMINAGA, L. K.; SANTORO, J.; AMARAL, R. (Org.). Desastres naturais: conhecer para prevenir. São Paulo: Instituto Geológico, 2009. 196 p.